

UM ANO DEPOIS

por Mário Soares

Um ano depois do actual Governo ter entrado em funções, todos os portugueses sentem - e o próprio Governo reconhece - que tudo está muito pior do que antes. A culpa não é só das políticas do Governo. É, fundamentalmente, da crise global que aflige a União Europeia no seu conjunto. Como sempre escrevi, nestas crónicas, mesmo no tempo do anterior Governo e que o PSD então não gostava de ouvir. Porque os dirigentes europeus, na sua esmagadora maioria, ultra-conservadores e neo-liberais, partidários de uma globalização desregulada, aceitaram sempre que os mercados estivessem acima dos Estados, assumindo por inteiro a ideologia neo-liberal, principal responsável pela crise global e múltipla que nos afecta.

A circunstância do Governo, há um ano eleito, ser constituído na sua maioria por neo-liberais convictos - que celebraram a vinda da Troika como um bem supremo, cujas políticas devia respeitar e ir além delas, como sucedeu - não só teve como consequência diminuir consideravelmente um País, com quase nove séculos, transformando-o num protectorado da Troika, como, sem estratégia nem bom senso, se ter lançado em políticas de pura austeridade. Resultado: os cortes e cada vez mais cortes estão a destruir o Estado Social e o Estado de bem-estar e a conduzir o País para uma recessão económica profunda, ao empobrecimento de boa parte da população e ao flagelo do desemprego, numa proporção nunca vista.

Um ano depois desta política, de terrível austeridade, Portugal vai enfraquecendo dia a dia, sem explicações prévias aos portugueses, nem qualquer diálogo consequente com os Partidos e os Parceiros Sociais. Assim, o Governo está a ficar cada vez mais isolado e o descontentamento contra ele, vindo de todos os sectores, começa a ser muito grande. Não se iluda o Senhor Primeiro Ministro e o Governo quanto à paciência dos portugueses que, com efeito, tem sido grande, ou com os elogios (interessados) da Troika. A continuar assim, tudo lhes vai, inevitavelmente, cair em cima. E de que maneira!

D. José Policarpo, Patriarca de Lisboa, na homília que proferiu na Sé de Lisboa, no dia 7 de Junho, feriado do Corpo de Deus, disse com a sua lucidez e prudência habituais: "é preciso que os líderes europeus mantenham a dignidade da pessoa humana no centro da resposta à crise". E acrescentou: "a solução só será encontrada com uma revolução cultural". "Porque no centro das preocupações da Europa deveria estar a pessoa humana na sua dignidade e na sua vocação de fraternidade". E o porta-voz da Conferência Episcopal, D. Manuel Morujão, esclareceu: "o Cardeal Patriarca referia-se "às soluções economicistas, vistosas e pouco duradouras, adoptadas pelos Estados da zona euro, incluindo Portugal". E conclui: "Temos de seguir por um caminho que dê primazia à pessoa humana e aos valores e não seguir o caminho economicista dos nossos dias".

D. Januário Torgal, Bispo das Forças Armadas e D. João Lavrador, Bispo Auxiliar do Porto, pronunciaram-se no mesmo sentido, visando aliás o actual Primeiro-Ministro, Passos Coelho. Temos que ultrapassar - disseram - os tempos de austeridade.

Aliás, membros ilustres do PSD, reclamando-se da social-democracia, como Manuela Ferreira Leite, Rui Rio, Pacheco Pereira, entre outros, também se têm pronunciado contra as políticas de austeridade, que estão a empobrecer os portugueses, sem remédio e ignorando a dignidade dos cidadãos e uma política de valores.

O PP, membro da Coligação do Governo, salvo algumas raras excepções, tem-se mantido silencioso. Mas como a sigla CDS voltou a ser utilizada, a política social da Igreja vai, necessariamente, reaparecer, no momento político que pareça ao líder do CDS/PP ser o mais oportuno.

O PS que tem cumprido o primeiro compromisso com a Troika - onde isso vai, depois de um ano, em que tudo tem mudado consideravelmente? - também tem vindo a opor-se às medidas de austeridade e às chamadas "privatizações" (melhor dito: às vendas ao estrangeiro), afirmando, pela voz do seu Secretário-Geral, a necessidade imperativa do crescimento económico e da luta contra o desemprego.

O Governo, portanto, não vai contar com o PS, para correr em seu auxílio. Nem com os Sindicatos e os outros Parceiros Sociais. Resta-lhe, portanto, ou mudar as políticas de austeridade (o

que é contrário a tudo o que fez até agora) ou sujeitar-se a um isolamento político, que lhe será fatal. Um dilema que não augura nada de bom, nos próximos meses, para o futuro deste Governo...

A Espanha em maus lençóis

Mais uma vez uma agência de rating - desta feita a Fitch - colocou em risco a dívida pública de Espanha, a que chama lixo, invocando a necessidade urgente da recapitalização da Banca Espanhola. A União Europeia, em pânico, preferia, dado que a Espanha é a 4ª economia europeia, um pedido de ajuda. A Itália, numa posição muito semelhante à de Espanha, mas muito discreta, também gostaria que Madrid se decidisse e pedisse ajuda, visto que enquanto o pau vai e vem folgam as costas. Contudo, o Governo presidido por Mariano Rajoy, hesitou. Não quis tornar-se um novo protectorado de uma outra qualquer Troika. Tem razão e Rubalcaba, líder da Oposição, parece apoiá-lo...

Bruxelas, entretanto, decidiu salvar os bancos espanhóis - mesmo sem austeridade - e no sábado passado avançou com a promessa de cem mil milhões de euros a Espanha, um bom exemplo para Portugal repensar a sua política, dado que a Irlanda quer já renegociar o seu resgate...

A Chanceler Merkel depois de ter cometido tantos disparates e de ter contribuído para que a União Europeia, como hoje todos reconhecem, esteja à beira do abismo, pediu agora aos 27 Estados-membros (vide El País de 8 de Junho) que "cedam soberania em troca de mais União Política". Porque a Alemanha - disse Merkel - fará o que for necessário para dominar a crise. Veremos...

É certo que a Espanha está a viver uma conjuntura muito difícil. Não é só o sistema bancário que está em crise, como o Bankia, com casos de corrupção e fraude. Há nas Caixas (Catalunya Caixa e Novagalicia) "buracos" inesperados consideráveis que se estimam em 80 mil milhões de euros. Mas não esqueçamos que o desemprego é outro flagelo, que subiu a 24,3% da população e o desemprego jovem a 51,5%. Num Estado como a Espanha, dividido em 17 autonomias, está-se perante uma crise muitíssimo grave. Por isso, a Europa estremeceu, o Presidente Barack Obama - como aliás o FMI, mais uma vez - chamaram a atenção para a crise que o capitalismo neo-liberal, dito de casino, provocou. Parece claro que a crise não pode ser resolvida pelos mesmos que a provocaram. Assim, é preciso mudar urgentemente de paradigma, como François Hollande, Presidente da França e o Presidente Barack Obama, o aliado americano, têm vindo a reclamar. Na realidade, seja o que for que aconteça, nas próximas semanas, começou a haver um movimento anti-neo-liberal na Europa a manifestar-se contra a austeridade sem regras e em favor de uma União Política com uma economia real (não virtual) e os Estados-membros de Direito, solidários, capazes de dominar os mercados, com democracias sociais e sociedades mais igualitárias e de bem-estar.

Eis um programa pelo qual todos os europeus progressistas devem lutar. Não só para evitar o abismo mas também para que o projecto europeu avance não só para uma União financeira e fiscal, mas também, social e política, como é indispensável.

A crise que se arrasta na Grécia

A Grécia, berço da civilização europeia, a quem se deve a democracia, tem vindo a ser, nos últimos anos, muito atacada pelo capitalismo neo-liberal. A ganância pelo dinheiro, arruinou os próprios bancos gregos, mal orientados pela banca alemã. Primeiro, pôs no poder um partido de Direita, ultra-conservador, que destruiu as finanças públicas para ser agradável aos mercados usurários. Depois in extremis, quando a situação já era muito difícil, chegou ao poder o PASOK, socialista, dirigido por Georges Papandreou, neto, mal recebido por uma Europa então quase toda ultra-conservadora. Atacado pela Direita extrema e pela Esquerda dita radical, os sociais-democratas gregos do PASOK foram forçados a demitir-se, pela pressão alemã da senhora Merkel. Um caso sem perdão! Deste então, com um Governo de circunstância, à espera de eleições, muitos europeus finalmente compreenderam que era necessário salvar a Grécia da bancarrota e do caos. Mas como?

Há poucos dias, num debate em directo da televisão, no Parlamento uma deputada comunista grega foi esbofetada por um deputado neo-nazi. Um espectáculo doloroso que só demonstra que sem regras, no plano económico e com um capitalismo de casino, a democracia dificilmente pode funcionar. Lembremo-nos dos anos finais da República de Weimar: primeiro foram para os campos de extermínio hitlerianos os sociais-democratas, mas a seguir foram, igualmente, os comunistas... Pobre Grécia e pobre Europa...

Esperemos que as eleições do próximo Domingo criem à Grécia condições para um Governo eficaz - que tenha a ajuda europeia - e possa repor a Grécia no lugar a que tem jus.

Hollande de novo em eleições

François Hollande não perdeu tempo desde que ganhou as eleições presidenciais. Falou com a Senhora Merkel, no próprio dia da sua investidura e não teve papas na língua. Esteve, depois, no Canadá e encontrou o seu aliado natural mais importante, o Presidente Barack Obama, em Chicago, salvo erro. Esteve no G8 e falou claro e, depois, na última Cimeira de Bruxelas, onde voltou a dizer o que pensava.

Hoje, há uma corrente europeia clara que se revê nas suas posições e que procura isolar a Chanceler Merkel, apesar das suas cedências não terem sido poucas.

No passado Domingo, 10 de Junho, realizaram-se as eleições legislativas em França. O sucesso dos socialistas, aliados aos Verdes e à Frente de Esquerda, ultrapassou o que se esperava. O antigo partido de centro Direita de Sarkozy - embora ele se tenha posto à margem - ficou mais ou menos a par da extrema Direita da família Le Pen. O que foi significativo, num tempo em que a extrema Direita pro-nazi, cresce em vários países europeus. Há que a isolar e enquadrar, enquanto é tempo.

Hollande - com excelentes resultados, que vão melhorar no próximo Domingo - tem assim o caminho aberto para seguir o seu percurso político, sem tergiversações. A Europa tem de mudar, quer a Senhora Merkel queira, quer não. Isso ajuda a América do Norte, como Barack Obama disse, a ganhar ele próprio as eleições (em Novembro), como é tão necessário que aconteça para a Europa e o Mundo. A China, que começa a sentir a crise global a bater-lhe à porta, também só tem vantagem nisso. O neo-liberalismo, tem de desaparecer do mapa - pacificamente - como sucedeu com o comunismo soviético, do final do século passado !

Maria Keil

Morreu Maria Keil, com 97 anos, uma bonita idade, viúva há longos do arquitecto e anti-fascista, Francisco Keil do Amaral. Um casal exemplar, do qual, a Maria de Jesus e eu próprio, tivemos o privilégio de ser amigos íntimos. Maria Keil marcou as artes plásticas portuguesas, como pintora, ilustradora, ceramista, preenchendo as estações de metro de Lisboa, com a beleza excepcional dos seus coloridos painéis. Foi, além disso, até ao fim, uma pessoa humana a todos os títulos invulgar.

Lisboa, 12 de Junho de 2012